

A BRASILIDADE EM MACUNAÍMA: UMA CONSTRUÇÃO A PARTIR DO ANTI-HERÓI

Ana Ximenes Gomes de Oliveira
Mônica Rafaella Gonçalves de Andrade

Resumo: O presente trabalho tem o objetivo de abordar a construção de uma brasilidade composta pela miscigenação cultural, combinada com os elementos indígenas e africanos, feita por Mario de Andrade, em Macunaíma, a partir de uma desconstrução do herói clássico deixando presente essa forte referência na obra como formação do anti-herói brasileiro. O corpus para a análise será o capítulo um e o capítulo sete da rapsódia moderna. O anti-heroísmo, relacionando-se com a autenticidade cultural, demonstra a negação pela importação etnocêntrica, como é posto por SCHWARZ e CANDIDO. Como ponto de partida, temos um levantamento das características gregas do herói, apresentada por LESKY, para uma consideração a memória construtiva do passado literário, assim como a referência à crítica sobre o modernismo, feita por BOSI. **Palavras - chaves:** Modernismo, Desconstrução, Brasilidade.

Objetivos

A investigação da formação de uma identidade nacional pronta para exportação, e não resultado de uma importação, nos serviu como objetivo principal deste trabalho que tem como obra de análise a rapsódia moderna *Macunaíma*, de Mário de Andrade. Esta obra combina elementos africanos, indígenas e europeus, saliente tanto na religiosidade quanto nos costumes sociais e culturais do brasileiro.

O passadismo é considerado, porém de forma a ser analisado para que não se recaia numa reprodução e sim se faça uma produção criativa com passado histórico. Usaremos, então, a conceituação do anti-herói brasileiro, visto nesta narrativa, para uma desconstrução produtiva e contínua.

A compilação da cultura africana no Brasil compõe parte da desconstrução da importação etnocêntrica, mostrando a originalidade nacional a partir da influência de costumes no continente colonizado.

Introdução

Macunaíma é uma rapsódia moderna, como trata BOSI (1936), que apresenta uma imagem mais condizente à realidade brasileira, se firmando como construção imagética de um herói posto sem caráter. Esta formação heróica do nosso andante personagem negro, filho de uma índia, se afirma, principalmente, pela sua constituição antagônica ao modelo clássico grego: “No centro dessa criação literária ergue-se sempre o herói radioso e vencedor, aureolado pela glória de suas armas e feitos(...)” (LESKY, 2006, p. 24)

É observado nesta obra que a construção do herói clássico e etnocêntrico obscurece a existência de uma cultura miscigenada presente em nosso país, parecendo incompatível as nossas características heróicas com o modelo idealizante passadista. A partir disto, ver-se fundamental considerar este passado para que se consiga desconstruí-lo, fazendo com que a desconstrução constitua a construção adaptada à nossa realidade territorial. Em Macunaíma, o autor coloca a maioria das designações que antecedem e posteriorizam a denominação de *herói*, dada ao protagonista, menções que, dentro de

um conceito clássico, o constitui paradoxalmente, trazendo características antônimas ao modelo grego, como: *mijar, medo, cair, fugir etc.*

Vemos, então, que não é por acaso quando o autor usa termos que satirizam a imagem clássica, pois trazendo palavras que o torna um ser comum faz também com que este seja humanizado, enquanto que aquele cristalizado não se aproxima à realidade dos *mortais*. Isto é válido porque não há sentido identitário em alguém que ocupa a posição de herói, ou seja, aquele que é responsável por ações e conquistas de alteridade, se apresentar como alguém que nunca poderíamos ser, pois se nós não nos enquadrarmos nestas características quem iria assumir esta representação social? Não podemos destinar os sucessos a alguém inexistente, improvável e impossível de existir no meio em questão.

Essa quebra com os modelos do mundo europeu é fortemente discutida e criticada durante a semana de Arte Moderna, que ocorreu em São Paulo, 1922, organizada e realizada por um grupo de jovens da elite burguesa nacional. O modernismo, no país, ficou caracterizado por propor um movimento que renovasse/recriasse o conceito de brasilidade nas artes como um todo, se desligando dos ideais da Europa.

Dentre os jovens intelectuais modernistas está Mario de Andrade, uma das pessoas de maior influência dentro do movimento, mas “(...) que já antes da Semana teve o cuidado de afastar-se de qualquer classificação como futurista, louva, em nova nota não assinada no nº 5 [revista Klaxon], à coexistência de ‘simultaneidade’ e ‘expressionismo’, no romance *Os Condenados* de Oswald.” (BOSI, 2010 p. 341). Muito disso, porque o modernista acreditava que as raízes culturais brasileiras deveriam ser resgatadas ou trazidas do povo indígena e do povo negro.

Macunaíma como descricalização do tradicional

A obra em questão apresenta uma composição e uma reafirmação de brasilidade através da combinação cultural existente no Brasil. O livro aborda um *herói sem nenhum caráter*, preguiçoso, que tem medo e que, por isso, está fora do modelo clássico que herdamos ocidentalmente, fugindo assim, de forma antagônica, da constituição greco-latina de herói. O autor ao destacar, nos capítulos *Macunaíma* (cap. I) e *Macumba* (cap. VII), especificamente, a mistura racial e cultural, dá uma conotação natural e primitiva à formação do conceito de brasilidade. Ao mesmo tempo em que cria uma imagem épica do nascimento do herói, o autor a desconstrói no momento em que a índia *pariu uma criança feia*, pois os termos para se dirigir ao nascimento e a criança, *pariu e feia*, respectivamente, comportam uma alusão animalesca e satírica ao protagonista.

Uma desconstrução desse herói clássico é necessária devido à incongruência em adaptar um modelo do passado tradicional, exatamente igual, à realidade presente. Nesta adaptação há um deslocamento do modelo heróico, incluindo agora as características prosaicas do nosso cotidiano.

Segundo Schwarz (1986) a inclusão de modelos ideológicos dos países dominantes faz com que o brasileiro os reproduza sem reflexão. Diante disso, o que Mário de Andrade fez foi tentar adequar, de maneira reflexiva, cômica e consciente, os modelos clássicos aos modelos já (recém) existentes no Brasil. “Não se trata, portanto, de continuidade pela continuidade, mas da constituição de um campo de problemas reais, particulares, com inserção e duração histórica próprias, que recolha as forças em presença e solicite o passo adiante.” SCHWARZ (1986).

O heroísmo de Macunaíma é feito pela *esperteza* e não pela *força*. Isto só acontece devido à reflexão que o autor faz trazendo este conceito heróico para a

realidade brasileira, pois uma sociedade que se constitui com uma mistura basilar étnica aprende a obter uma perspicácia fortificada. Temos a esperteza do índio, que na época da colonização todos o consideravam “burro” ou “fácil de enganar”, por trocar riquezas naturais do nosso território por objetos criados pela civilização adiantada, em termos tecnológicos. Porém, o que só se veio a refletir posteriormente é que para o universo do índio estes objetos, jamais vistos pelos nativos, eram riquezas, pois este conceito se modifica de acordo com o lugar em que se fala. Além disso, temos ainda a herança da *força* negra, dos nossos ancestrais escravos que conseguiram, além de tudo, manter sua religiosidade e cultura como influência aqui no Brasil até nossos dias. Por fim, a civilização ocidental, que nos antecede com suas conquistas e feitos históricos, também nos deixou marcas aproveitáveis em nossa formação.

Diante disso, a descaracterização do herói clássico fortifica a formação da *esperteza*, elemento em que se apóia o brasileiro no suprimento da aparente lacuna dentro da idealização tradicional:

No outro dia o tempo estava inteiramente frio e o herói resolveu se vingar de Venceslau Pietro Pietra dando uma sova nele pra esquentar. Porém por causa de não ter força tinha mas era muito medo do gigante. Pois então resolveu tomar um trem e ir no Rio de Janeiro se socorrer de Exu diabo em cuja honra se realizava uma macumba no outro dia. (MACUNAÍMA, 1980, p.45).¹

Expressão livre como autoconhecimento cultural

De acordo com CANDIDO (2008) somente a expressão livre pode ser subsídio concreto para a construção de uma identidade cultural e literária. A não “pureza” na formação da cultura do país a constrói unida à fortes misturas e contrastes, e o devido reconhecimento desta fusão pode resultar na autenticidade. Dentro do período modernista temos o movimento Antropofágico, de Oswald de Andrade, que pregava a consideração do passado, porém de uma forma crítica. Um senso crítico tinha o seu clamor enfatizado com urgência no país, que sempre teve tudo colonizado, importado e absorvido sem os devidos filtros. Talvez pudéssemos propor uma *desterritorialização* do indivíduo, como participante do todo universal, considerando a atuação da memória coletiva que o faz compartilhar ativa ou passivamente dos acontecimentos e fatos que vigoram. É impossível negar a participação do passado no presente, e naqueles que atuam nele, e vice-versa, pois também estamos construindo nosso passado constantemente na medida em que o reproduzimos e formamos uma imagem discursiva da trajetória social. Os discursos são repassados pelos sujeitos e eles podem ser (ou são) alterados e reconstruídos ao longo do tempo. Essa memória incutida nos sujeitos passa a ser ponto de partida para a renovação da criatividade, o que vem após esta consideração não pode se ater à prisões estéticas e formais, a mudança se repete constantemente como um infinito projeto de pesquisa artístico que se molda de acordo com a “substância da expressão” (CANDIDO, 2008, p. 117).

Macunaíma absorve aquilo que lhe cabe como referência tradicional e descarta (desconstruindo) os elementos que a ele não se adequam no momento em que passam pela transferência étnica. Aqui não se encaixam regras ou fôrma pré-fabricada que aprisiona e ultrapassa o limiar de separação entre arte e produto estético. A concepção do anti-heroísmo só existe devido à consideração passadista, já citada, pois sem isso o anti-herói seria herói e não haveria nascimento pela ruptura. Consequentemente, não

¹ Nesta cena, Macunaíma vai à procura da ajuda de tia Cieta, feiticeira e mãe de santo, para derrotar o Venceslau Pietro Pietra numa tentativa de recuperar o amuleto que havia perdido.

poderíamos auto - analisarmo-nos e conhecermo-nos. Foi preciso um momento de estranhamento para uma constituição sólida e com voz atuante no cenário mundial, pois a nossa mistura étnica não comporta, ou não é comportada, pelas regras européias.

As marcas indígenas trazem a discussão, já no primeiro capítulo, da imagem do índio distorcida desde o período da colonização. A preguiça que é citada com relação à primeira frase que Macunaíma fala *Ai! Que preguiça!*, nos mostra uma característica ancestral do brasileiro, temos aí um negro/índio falando uma frase que, de início parece desconexa com o universo da narrativa, porque os índios não teriam a concepção ocidental que temos da *preguiça*, porém, esta aparente desconexão faz com que nos reconheçamos como uma sociedade de misturas tão intrínsecas que não há um limite exato onde começa e termina cada influência miscigenada. A *preguiça* conceituada hoje não se enquadra como fala de um índio nativo, este não “poderia” dizer uma frase, comportando um conceito cristalizado pelo europeu, perdendo assim a naturalidade desta característica indígena.

Adiante, essa mistura é mostrada com relação à religiosidade, na junção entre macumba e cristianismo: “Vai, um rapaz filho de Oxum, falavam, filho de Nossa Senhora da Conceição cuja macumba era em dezembro, distribui uma vela acesa para cada um (...)” (MACUNAÍMA, 1980, p. 46). Ao mesmo tempo em que se observa a junção cultural, ver-se que um quarto elemento diferente é criado a partir destes três (africano, índio e europeu), o brasileiro. Esta ressalva é apropriada porque rompe com a errônea ideia de que somos uma mistura que reproduz suas referências.

A partir de então se vê um não-pedido de voz, e sim uma voz atuante que fala o que quer, do jeito que quer. Paralelo com os movimentos sociais de um século tão caótico e revolucionário, século XX, vemos na arte um passo à frente na consolidação de um direito e de um talento nato em nosso país e grupos ou micro-grupos políticos e culturais. Enquanto que nos movimentos sociais, neste contexto, ainda era preciso lutar e exigir o direito a protestar e a atuar, devido às dificuldades e maximização da repressão hierárquica dos países e classes dominantes do mundo, na arte já ocorria uma ação que falava e mostrava o que tínhamos a falar, deixando de pedir licença pra falar e com isso tendo que “poldar” muitos dos dizeres verbais e não-verbais por causa dos moldes restritivos.

Últimas considerações

Na literatura brasileira *a substância da expressão* é local, de acordo com CANDIDO (2008), e os moldes europeus são tidos como *a forma da expressão*. No Modernismo é visto uma inversão desta forma, tendo agora os moldes da própria substância local, como observamos em Macunaíma. Nesta obra, essa discussão literária nos faz abordar a incoerência de se pensar que o Brasil precisava criar uma cultura própria quando se viu que esta já existia, pois é a pluralidade cultural que resulta na identidade brasileira. Neste contexto, o “colonizado” sabe como aproveitar muito bem aquilo que lhe empurram como influência “correta” na arte:

Voltando porém ao sentimento de cópia e inadequação causado no Brasil pela cultura ocidental, está claro que o programa de Oswald lhe alterava a tônica. É o primitivismo local que devolverá à cansada cultura européia o sentido moderno, quer dizer, livre da maceração crista e do utilitarismo capitalista. A experiência brasileira seria um ponto cardeal diferenciado e com virtualidade utópica no mapa da história contemporânea (algo semelhante está insinuado nos poemas de

Mário de Andrade e Raul Bopp sobre a preguiça amazônica). (SCHWARZ, 1986).

E não significa dizer, no entanto, que essa cultura já existente no Brasil descartasse os estrangeirismos, pois como vimos em Macunaíma, o que acontecia, e o que acontece, é uma absorção cultural, uma combinação não apenas de forma, mas também de conteúdo. Assim, podemos afirmar que *brasilidade* significa muito mais do que miscigenação cultural. Seria mais uma miscigenação cultural cíclica, pois o resultado de tantas misturas não seria um produto finito, com um fim nele mesmo, mas sim um agente transformador e, de novo, sendo transformado com novas influências internas ou não.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma o herói sem nenhum caráter**. 17^o ed. São Paulo, 17^o ed. Martins, Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; 1980.

LESKY, Albin. **A tragédia grega**. 4^o ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 45^o ed. São Paulo: Cultrix, 2010.

SCHWARZ, Roberto. **Nacional por Substração**, 1986. Disponível em < http://antivalor.vilabol.uol.com.br/textos/schwarz/schwarz_04.htm > acessado em: 20 de Out. 2010.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 10 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008.